

PROJETO PAPO SÉRIO: PROBLEMATIZANDO GÊNERO, SEXUALIDADES E VIOLÊNCIA A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO¹

Ana Paula Boscatti (UFSC)
Isadora Vier Machado (UFSC)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)
Raruirquer Oliveira (UFSC)

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o Projeto *Papo Sério*, desenvolvido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), da Universidade Federal de Santa Catarina, a fim de problematizar as representações de gênero e sexualidades com jovens de escolas públicas de Florianópolis. Estas oficinas são feitas de forma lúdica e ofertadas articuladamente com os temas de pesquisas realizadas por estudantes de graduação, mestrado e doutorado no NIGS. Articulando Antropologia com Educação compreendemos a cultura como conceito teórico unificador deste projeto que articula dois universos, a escola e a universidade, permitindo que estudantes e universitários construam seus saberes através da troca de experiências, teorias e senso comum. Constatamos que o Projeto *Papo Sério* dá a oportunidade de resgatar e redimensionar o universo das diferenças culturais, criando espaços onde se expõem dúvidas, preconceitos e diferentes saberes. Finalizamos o texto analisando o projeto à luz de teorias do campo da Antropologia da Educação.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Antropologia da educação

Por que falar de gênero e sexualidades nas escolas

A abordagem de assuntos complexos, tais como gênero, sexualidades e violências, é cada vez mais indispensável no ambiente escolar. Como empreendê-la, contudo, não é tarefa fácil. O Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolve, desde 2007, o projeto *Papo Sério*², que

¹ As pessoas responsáveis pela apresentação deste trabalho no II SIES representam um grupo mais amplo de pesquisadores envolvidos na construção do projeto e relatórios do Projeto *Papo Sério*. Trata-se de um projeto coletivo do NIGS que envolveu desde sua criação em torno de vinte e cinco graduandos, mestrandos e doutorandos vinculados a equipe.

² O título completo do projeto é: “*Papo Sério*” – Discussões sobre Gênero, Homofobia e Prevenção com estudantes de escolas públicas de Santa Catarina. Este é coordenado pela professora Miriam Grossi, foi elaborado em 2007 pela então bolsista de Iniciação Científica Gicele Sucupira e teve a sub-coordenação de Fátima Weiss de Jesus (2009) e Anelise Fróes da Silva (2009- 2010). Atualmente tem na sub-coordenação Tânia Welter e Isadora Vier Machado. Este texto foi escrito a partir dos projetos e relatórios do projeto por Isadora Vier Machado, Raruirquer Oliveira e Ana Paula Boscatti, tendo esta última elaborado a reflexão teórica sobre Antropologia e Educação a partir de

tem se apresentado como importante canal entre as atividades da universidade com as escolas públicas da região de Florianópolis. Este trabalho é uma tentativa de ilustrar nossa experiência de problematizar questões tão complexas com jovens alun@s das escolas públicas dessa região, através da realização de oficinas temáticas dentro dos eixos de pesquisa do NIGS: direitos humanos, educação, religião e sexualidade, gênero, movimentos sociais, violências de gênero e outras formas de violência, feminismos, homofobia, lesbofobia e transfobia, legislação e homossexualidades.

Trata-se de um projeto de extensão diretamente articulado com pesquisas desenvolvidas coletivamente e individualmente no interior do NIGS. Visa dar um retorno à comunidade, e continuidade a uma série de atividades de extensão realizadas, com êxito, em benefício das escolas de Florianópolis e das comunidades indiretamente atingidas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/96, prevê, em seu art. 2º, a educação como dever da família e do Estado, pautada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Seu objetivo deve ser o pleno desenvolvimento d@ educand@, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Além disso, o pluralismo, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância são alguns dos princípios da educação brasileira.

Com base nisso, acredita-se que as discussões sobre gênero, sexualidades e violências são um importante subsídio para a formação de alun@s e professores porque, uma vez inseridas no ambiente escolar, permitem tangenciar inúmeras outras problemáticas de forma interdisciplinar: direitos sexuais e reprodutivos, direitos humanos, homo/lesbo/trans/fobia, violências de gênero, prevenção DST/Aids, terceira idade, amor, dentre outras.

Além dos dados obtidos nas pesquisas realizadas pela equipe do NIGS em escolas públicas de Santa Catarina (GROSSI, FERNANDES, CARDOZO: 2009; DICKIE, GROSSI, WELTER: 2008) nas quais constatamos as dificuldades do corpo docente em tratar de questões vinculadas à sexualidade, fundamentamos teoricamente nossas oficinas em outros estudos sobre juventude, ambiente escolar, violências e sexualidade, cujas principais contribuições relatamos a seguir.

Nosso ponto de partida teórico para o desenvolvimento deste projeto é embasado na compreensão do gênero como um conceito que permite compreender como se constroem culturalmente valores e comportamentos femininos e masculinos associados a homens e mulheres (GROSSI:1998).

Em geral, as principais discussões sobre sexualidades até recentemente no Brasil, costumavam ser conduzidas pelo problema da prevenção da AIDS, enquanto que situações importantes como as discriminações homo/lesbo/trans/fóbicas não têm tido o mesmo investimento em projetos junto a escolas. Para Louro (2004), por exemplo, a homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão da intimidade entre os indivíduos. Tal como a xenofobia, o racismo e o anti-semitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em categorizar “o outro” como contrário, inferior ou anormal (BORRILLO, 2000).

Segundo dados fornecidos pela UNESCO, entre alunos do ensino fundamental e médio, 39,4 % dos entrevistados do sexo masculino e 16,5% do sexo feminino não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe (ABRAMOVAY:2002). Neste estudo a escola é descrita como espaço social e cultural de vivência juvenil referência para os jovens no qual paradoxalmente é notória a incidência de violências. Discriminações de ordem sexista e homofóbica, como afirma Myriam Abramovay (2002), são freqüentes nos espaços escolares.

Outro tema privilegiado nas oficinas é a temática do amor, contracepção e conjugalidades. Partimos de reflexões propostas por autores no livro *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*,(HEILBORN, BRANDAO:1999) que refletem sobre a iniciação sexual e amorosa dos jovens. No entanto, é importante ressaltar que esta se dá de maneiras diversas, principalmente, segundo as trajetórias de gênero. Assim muitos autores defendem que o acesso às informações não garante a adoção de estratégias de autoproteção para os jovens. Há, portanto, inúmeros fatores que influenciam a adesão às práticas sexuais mais seguras: a estruturação das relações afetivas e/ou sexuais, as relações de gênero, a confiança no parceiro e o vínculo social e/ou amoroso.

No que diz respeito à questão da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, um estudo com jovens, realizado na cidade de Ilhéus (BA) por Vieira e Santa Rosa (2003), demonstrou que os adolescentes não pensam mais na AIDS como uma doença ligada a um grupo de risco, a AIDS nesse grupo apresenta-se como um fator da perda de confiança nas parcerias sexuais. Sobre o uso de preservativo no Brasil, as principais pesquisas foram



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

realizadas com jovens, como as pesquisas de Paiva (1996), de Rieth (1998) e de Leal e Rieth (1998), que relataram as dificuldades que existem entre jovens – homens e mulheres – para a negociação do uso de preservativo. Estas pesquisas trouxeram também outros dados no que diz respeito à prevenção: a importância dos sentimentos amorosos envolvidos em relações sexuais e as concepções de gênero que sustentam a sexualidade entre jovens. É possível perceber, nos dados coletados através da pesquisa de Rieth (1998), como mulheres e homens jovens diferenciaram amor e sexualidade e, a partir disto, como cada um compreendeu a prevenção à AIDS. A pesquisa demonstrou que, no regime das relações de gênero “a progressão da intimidade com um parceiro ‘conhecido’ suprime a necessidade de se proteger da AIDS, [...] o não uso de preservativo figura como um ‘prova’ de fidelidade para com o outro” (RIETH, 1998: 19). Também neste sentido, em pesquisa anterior, Paiva (1996) identificou, junto a estudantes universitários e de nível médio, que os primeiros tiveram maior autonomia sexual e menor hierarquia na relação sexual e conseguiram negociar o uso do preservativo de forma mais autônoma, no entanto as mulheres exigiram menos o uso do preservativo com suas parcerias conjugais em virtude da tendência que houve de o uso estar relacionado às relações casuais ou sem vínculo afetivo. Paiva (1996) ainda problematizou que a capacidade do sujeito de usar preservativo vai depender “do contexto (do contexto de vínculo e qualidade do afeto, do momento, do parceiro, do lugar etc.) em qualquer nível (intelectual ou da experiência, da percepção de risco à prática sexual)” (PAIVA, 1996: 217). Cabe ressaltar aqui que, segundo dados da Coordenação Nacional de DST/AIDS (*Boletim Epidemiológico Aids*, 1999), o grupo etário mais atingido desde o início da epidemia no país tem sido o de 25-39 anos, chegando a 71% do total de casos em 1997, sendo que a mesma faixa etária, em 1999, representa 59,7% dos casos e que esse percentual se mostra muito próximo aos 56% dos casos representados pelas faixas etárias dos jovens de 15-34 anos. Autores como Santos (1999) acreditam em um período em que o vírus permanece assintomático (período de incubação do vírus, cerca de 10 anos), apontam que no Brasil os jovens na sua grande maioria estão se infectando entre os 15 e 25 anos de idade.

Além disso, consta como uma das prioridades do II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, formulado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2008), promover a formação de estudantes da educação básica para a equidade de gênero e o reconhecimento de diversidades de gênero. O que inclui a constante preocupação em

abordar temáticas como violências contra mulheres, maternidade e direitos humanos das mulheres.

Também merece destaque o fato de que, para Arminda Aberastury (1981), tornar-se adolescente significa entrar no mundo dos adultos, conseqüentemente, perder completamente o *status* de criança. Nos dizeres da autora, trata-se “[d]o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento”.

Partindo desta revisão teórica construímos, ao longo de quatro anos o Projeto Papo Sério visando se constituir em uma tecnologia social para a formação de jovens sobre gênero, sexualidades e violências, voltada à tolerância e à equidade.

Histórico e descrição da dinâmica do Projeto

Em 2007, quando se iniciaram as oficinas, elas foram realizadas para 45 jovens de 14 a 18 anos, de três comunidades do entorno da UFSC e ao Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTTTT para amplo público de militantes de movimentos sociais e gestores de políticas públicas. No ano de 2009, o Projeto Papo Sério foi renovado e se expandiu significativamente, além de oficinas realizadas em quatro escolas, o NIGS promoveu um Concurso de Cartazes sobre homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas. Nesse ano, 296 alun@s participaram das oficinas, 11 professor@s estiveram envolvid@s, igualmente, nessas atividades e 14 pessoas, vinculadas ao NIGS, organizaram e executaram tais tarefas. Com relação ao Concurso de Cartazes, foram 97 alun@s participantes, com 19 cartazes apresentados, ao todo (NIGS, 2009). Em 2010, foram seis as escolas participantes, com um total de 479 alun@s, 12 professor@s envolvid@s e 30 integrantes do NIGS atuantes. Além disso, realizou-se a segunda edição do Concurso de Cartazes, amplamente divulgado na rede on-line, mídias e por meio do envio de carta-convite para diversas escolas e faculdades. O número de participantes, com relação a 2009, aumentou surpreendentemente. Foram 46 cartazes participantes e, junto com o número de alun@s participantes de oficinas, 644 estudantes atingid@s.

Trata-se, hoje, de Projeto de Extensão alçado à qualidade de projeto institucional da UFSC, contando com o apoio do Programa Pró-Extensão, da Pró-reitoria de Cultura e Extensão desta instituição, além de ter sido aprovado no Edital PROEXT n. 5, MEC/SESu/DIPES.

A proximidade física de algumas destas escolas em relação ao Campus Central da UFSC, a diversidade dos problemas enfrentados e suas soluções, a demanda de informação e devolução às comunidades estudadas, a necessidade de atividades contínuas de transposição didática dos conteúdos aprendidos em sala de aula, e o impacto positivo gerado por outras edições do Projeto Papo Sério têm impulsionado a troca de saberes a respeito de temáticas variadas envolvendo questões de gênero e sexualidades nas escolas.

Além do diálogo e troca de saberes com alunas(os) e professoras(es) das escolas envolvidas, o projeto integra também estudantes de várias fases dos cursos de Ciências Sociais, Jornalismo, Letras, dentre outros, envolvidos nas atividades do NIGS. Portanto, o projeto promove clara ampliação na formação de estudantes de graduação e pós-graduação nas atividades de extensão. Ainda, leva às escolas locais discussões e reflexões sobre as temáticas de gênero e sexualidades, propondo-se a fazer algo não é feito nos cursos de graduação e licenciatura da UFSC, complementando, então, uma lacuna na formação dos diferentes públicos atingidos.

As oficinas, como uma forma de intervenção social, são realizadas, usualmente, por uma/um estudante de doutorado, uma/um alun@ de graduação e uma/um estudante de mestrado. Tod@s participam de forma integrada, desde a elaboração, até a execução das atividades. O programa de oficinas é dividido em módulos distintos, de acordo com as temáticas apresentadas e ministrado de maneira expositiva, dialogada e participativa (dinâmicas e jogos teatrais) no período de duas horas e trinta minutos por encontro, aproximadamente. Em alguns encontros são utilizados vídeo-clipes, músicas e revistas como estratégia de fazer @s jovens falarem sobre as temáticas propostas. Além disso, são elaborados materiais educativos como apostilas, alguns jogos e cartazes.

Ademais, a linguagem costuma ser adequada aos diferentes grupos envolvidos, uma vez que se trata de uma preocupação de fundo da “antropologia compartilhada” com os grupos que estuda e pelo fato de que todas as atividades serão realizadas com grupos com os quais já se está trabalhando há vários anos. As oficinas são amplamente divulgadas através de contatos com as direções das escolas, de folders amplamente distribuídos para as mesmas, além de cartazes, informações transmitidas à imprensa escrita e a rádios de grande escuta nas comunidades estudadas, assim como em programas de TV locais e pela Internet.

Quanto ao número de participantes, as oficinas costumam ser abertas para grupos de até trinta alun@s por atividades. A estas são entregues certificados, emitidos pelo

NIGS, como forma de registro público das atividades desenvolvidas. O NIGS planeja, ao início e ao final de cada semestre, realizar encontros com @s participantes do projeto, com vistas de trocar experiências e avaliação sobre as diferentes oficinas realizadas. Ao término do projeto, será realizada uma atividade pública na UFSC, de divulgação de resultados, através de documentos escritos, visuais e sonoros.

No que toca às dinâmicas, cada equipe é responsável pela formulação daquilo que julga mais adequado, como exposição de filmes, realização de debates, confecção de cartazes, realização de peças de teatro, jogos lúdicos variados (palavras cruzadas, mímicas, etc.), bem como pelo controle do tempo das atividades, do número de alun@s e pela feitura de um encerramento das atividades, com uma mensagem final à turma. A demanda das temáticas é feita pelas próprias escolas, de acordo com as necessidades apresentadas. A partir das oficinas, espera-se proporcionar não só um maior conhecimento sobre gênero, sexualidades; homofobia; juventudes; prevenção a DST/AIDS; terceira idade; violências, etc., mas a ampliação das redes de sociabilidade, a mudança na trajetória de vida e um estímulo à escolarização para @s jovens participantes, além de ser um espaço de participação para esses grupos. Neste sentido, as oficinas, ao possibilitarem o acesso à informação, aos meios de prevenção e às orientações sobre os assuntos propostos, bem como sobre outros que poderão surgir ao longo dos encontros, podem criar impactos positivos nas comunidades.

É hora de levar um *Papo Sério*

O projeto Papo Sério, que tem sua base na Antropologia da educação, pretende desenvolver questões de alteridade na experiência. A oportunidade de pensar nossa própria condição em diálogo com o outro, revela nas inúmeras vozes uma série de repetições discursivas. Otávio Ianni (1972) qualifica suas informações acerca do preconceito na cidade de Florianópolis através de perguntas cruzadas. O autor percebe que, ao ser questionados sobre a idéia de preconceito de raça, a postura inicial dos entrevistados era efetivamente negar qualquer manifestação de discriminação, determinando assim que “todos os indivíduos são iguais”. Ao cruzar questões da esfera privada e públicas mais pontuais como matrimônio, baile e família, Ianni percebe que seus informantes negam a possibilidade de casar-se com um@ negr@, ou mesmo de possuir negros na família,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

oriundos de um casamento de suas irmãs com eles, por exemplo. Revelando assim o preconceito.

A discriminação de diferentes ordens: de gênero, raça, classe social, entre outros, aparecem à primeira vista nas oficinas do Papo Sério, assim como nas pesquisas de Ianni (idem), veladas por meio de discursos “éticos” de universalidade. Muitas vezes essas observações têm fundamentação na igualdade de direito dos homens seja expressas através das leis jurídicas ou cristãs. Explorando mais a fundo as representações trabalhadas no projeto, verifica-se que com a implantação de novos elementos/ atores ao debate, o antigo discurso “igualitário” cede lugar a novas expressões, agora sim, discriminatórias.

Dentre as inúmeras oficinas já realizadas pela equipe do NIGS, através do Projeto Papo Sério, algumas serão aqui relatadas, na tentativa de clarear tudo o que já se expôs, destacando atividades, técnicas adotadas, fechamento, integração da equipe, e outros aspectos.

Em uma das oficinas ministrada para cerca trinta alunos, foram distribuídas frases que revelavam preconceitos que atingiam diferentes grupos sociais, tais como mulheres, indígenas, negros, homossexuais. Percebíamos que, ao ler as frases, @s alun@s manifestavam expressões de reprovação. Nesta oficina, por exemplo, um determinado grupo de alunos discutia a frase: “*Prefiro um filho ladrão que viado*”, repreendiam a frase em um primeiro momento, embora sua justificativa demonstrasse discordância em relação à sua primeira manifestação. Foi proposto a este grupo de alun@s que elaborasse um cartaz que sintetizasse as idéias do grupo sobre a frase e obtivemos como resultado a seguinte frase no cartaz: “*Viado vai sofrer mais preconceito e ladrão pode mudar depois.*”. A frase mencionada indica que est@s alun@s, ao mesmo tempo em que conhecem as circunstâncias que tornariam mais desfavorecida a vida dos “viados”, se colocam em oposição a estes quando preferem que seus supostos filhos sejam “ladrões”. Outro fator que chamamos atenção aqui é o entendimento que sugere uma possível mudança a uma pessoa que está na “condição” de “ladrão”, uma vez que há a compreensão de que ser “viado” é uma condição negativamente irreversível.

É perceptível também que a compreensão do termo *preconceitos* é tida como um conjunto de ações estigmatizadas e reconhecida como algo distante. Por esta razão, as oficinas Papo Sério baseiam-se em discutir temas diversos, de modo que os alunos se identifiquem enquanto produto e produtores de diferentes situações discriminatórias que os envolvam na escola.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Em setembro de 2010, a convite de um dos professores da instituição, a equipe do NIGS foi até o Centro Educacional Municipal Vila Formosa, na região metropolitana de Florianópolis, a 25 quilômetros, aproximadamente, das instalações do nosso núcleo. Em geral, três pessoas compõem o grupo de apresentação das oficinas. Na ocasião, eram uma estudante de doutorado e dois de graduação³.

Nosso grupo se encontrou no NIGS, antes de se encaminhar à escola, com a notícia de que enfrentaria a “pior” turma de sétima série daquele estabelecimento, com 45 alun@s, tod@s muito agitad@s. A temática: sexo, gênero e identidades de gênero. Temeros@s, preparamos três dinâmicas, caso fosse necessário trocar a estratégia para adaptar a aula. O tema é um tanto quanto amplo, por isso não poderíamos deixar de dar uma breve explicação sobre o que faríamos e sobre o que falaríamos. De modo que, presentes no NIGS, imprimimos figuras na Internet, recortamos, imprimimos letras de músicas, e assim nos organizamos.

Ao chegar, avistamos um local simples, sem asfalto, com casas de madeira no entorno, o que indicava brevemente o perfil sócio-econômico d@s alun@s. Recebid@s pelo professor encarregado pela turma, reforçou que a turma era grande (45 alun@s) e “difícil”.

Aos poucos, @s alun@s começaram a retornar do intervalo, agitad@s, colocavam-se em seus lugares. Fizemos nossa apresentação e aquela do projeto Papo Sério, indicando a temática que seria abordada na oficina. A dinâmica inicial consistiu em dividir @s alun@s em grupos, cantar e interpretar em conjunto a música PAGU, de Rita Lee e Zélia Duncan. Acharam graça em alguns trechos (como “não sou freira, nem sou puta”, ou “meu buraco é mais em cima”). Falamos um pouco sobre a música, e a necessidade de compreender que “nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda”, numa tentativa de introduzir a temática do gênero e desmistificar esteriótipos.

Ao terminar a discussão da música, recolhemos as letras, e a cada grupo, distribuímos duas figuras diferentes, com um cartaz em branco. Pedimos para analisar as figuras, preenchendo os cartazes com opiniões sobre sexo e gênero, a partir do que viam nas figuras. Passamos pelos grupos, problematizando as figuras e as características apontadas.

³ Duas destas pessoas são autoras deste artigo. A terceira, é Virgínia Nunes, estudante do curso de Ciências Sociais da UFBA, que, em virtude de um convênio mantido entre NIGS e NEIM, também cooperou nas atividades do núcleo.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

As figuras consistiam, por exemplo, em imagens de *drag queens*, travestis, casais homossexuais com filh@s, do transexual Thomas Beatie grávido, da transexual Roberta Close, um homem bailarino, uma mulher halterofilista, um modelo de passarela negro e uma mulher branca com um filho no colo.

Da análise atenta dessas figuras, em meio a muitas discussões, perguntas e apontamentos curiosos surgiram por parte do alunado, como, por exemplo: a) saber se a *drag Queen* era travesti; b) “homem que nasce homem, é homem, mas não tem como nascer mulher e querer virar homem”; c) concordância com o fato de que Roberta Close é muito bonita e comentário concomitante: “mas não sei se eu beijaria...”; d) “mas como, se ele é ela, e ela é ele?”; e) “pra virar mulher, dá pra colocar útero?”. Essas indagações e expressões de curiosidade, surpresa, dúvida, também desvelavam um grande interesse por um tema que não parecia ser comumente discutido naquele espaço.

Por outro lado, a oficina também serviu como importante espaço para discutir questões como violências homofóbicas/lesbofóbicas/transfóbicas, e outras discriminações de toda sorte. Algumas falas e dizeres apostos nos cartazes corroboram com esse apontamento: a) “Homossexual – preconceito” b) “Preconceito pra mim é não aceitar as diferenças dos outros”; c) um dos grupos disse que se encontrasse Thomas Beatie na rua seria capaz de matá-lo. ;d) “É uma vergonha. Cada um faz o que pode. Gênero, um modo diferente”.e) “ por que essas pessoas sofrem com o bullying”; f) “Mulher – feia, musculosa, loira, porque? (*sic*) porque nós achamos que ela está seguindo o posto masculino. Mas como hoje á (*sic*) mulheres com profissões de homens, isso é muito normal...”.

Durante as oficinas, todas essas falas e expressões são canalizadas para um momento de reflexão final. Com base no respeito às diferenças, em discussões sobre bullying, sobre dor e sofrimento é possível abordar questões como “quem diz o que é ou não normal?”, e por que nos manifestamos tão violentamente diante de outras pessoas. Nesse momento, o silêncio da turma era motivador, era evidente que havia reflexão e que cada alun@ pensava em algo.

Considerações finais: Antropologia da educação, cultura e alteridade

Por fim, gostaríamos de repensar o projeto Papo Sério à luz de alguns conceitos apreendidos no campo da Antropologia da Educação. Este campo considera crianças e



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

adolescentes como sujeitos autônomos em suas atitudes, produtores de significados próprios através de suas redes de assimilação e transmissão de saber em relação ao outro. Seguindo a reflexão de Neusa Gusmão (1997), que propõe que a Antropologia tenha ação sobre a realidade, de modo que a Pedagogia seja a prática da realidade, consideramos que as políticas públicas em que se inserem as escolas integrantes do Projeto Papo Sério também são parte integrante de um princípio de uniformidade das ações e entendimentos acerca do processo educativo.

Segundo Antonella Tassinari (2009) o que conhecemos sobre a infância e a adolescência enquanto campos de saber instituídos é, em parte, consequência do olhar adulto que, por sua vez, reproduz modelos e tradições. Daí a importância de se inserir, nas escolas, debates que não fazem parte da grade escolar, porém que integram o cotidiano das pessoas que ali circulam e convivem. Consideramos que neste sentido, as oficinas do Projeto Papo Sério são uma forma de oferecer alternativas à função normativa exercida pela família e pela escola.

Em seu trabalho, Gusmão (1999) também reflete a respeito das dificuldades percebidas na escola, como parte de um sistema educacional subordinado a um sistema burocrático que envolve as políticas do governo, @s professor@s, administrador@s, constituindo assim seus agentes. Em razão dessa estrutura, a particularidade dos sujeitos são dissolvidas em um sistema pedagógico “do silêncio”:

Todos os limites, falhas e vieses do sistema educacional tornam-se mais visíveis quando o público-alvo da política educacional é formado por crianças e adolescentes que transitam em universos negados pela escola, tal como a rua, ou que, por uma razão ou outra, são portadores de marcas sociais estigmatizadas tais como a raça e/ou a cor da pele.

Enfim, as noções de educação que baseiam as observações d@s pesquisador@s através do projeto Papo Sério, fundamentam-se basicamente nos pressupostos que entendem a educação como um processo de várias formas de vivenciar a infância, a adolescência, e a aprendizagem, para além da escola (TASSINARI, 2009). As práticas pedagógicas alternativas e o discurso diferente do cotidiano acabam afetando também adultos que convivem com @s alun@s, dentro ou fora da escola. Observa-se, por meio do contato em maior ou menor intensidade com @s alun@s, que a discussão proposta pelo projeto enseja maior autonomia dos sujeitos, ao incentivá-los para que exteriorizar seus comportamentos. Destacamos, portanto, que as expressões de violências e intolerâncias

causadas pelas diversas formas de preconceito, no ambiente escolar através de alun@s, alcançam em certo modo um lugar sólido que acabam por justificar tais comportamentos.

Vê-se que a escola é um lugar de sociabilidades para as pessoas quando as unem por critérios de funcionamento organizacional. Deste modo, ao mesmo tempo em que funciona como um espaço de formação, constitui-se como um lugar de aprendizado pelas relações e vivências de subjetividade. A escola não é formadora de todo o aprendizado captado pelo aluno em sua trajetória educacional. Ivan Illich, citado por Tassinari (2009), no texto “A sociedade contra a escola” chama de “escolarização da sociedade” o desencadeamento que produz uma infância restrita à condição de aluno e subordinada à autoridade adulta que privilegia a aprendizagem escolar e desvaloriza as demais. Apropriamo-nos destes argumentos ao ponto que servem para entender que as relações estabelecidas entre @s alun@s, na escola, são resultado, também, de demais vínculos sociais exteriores aos espaços da escola. É hora de “levar um Papo Sério” para além desses muros.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças (2002). *Violências nas Escolas*. Brasília, UNESCO.

GROSSI, Miriam. *Identidade de Gênero e Sexualidade, Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, PPGAS-UFSC, 1998.

GROSSI, Miriam; FERNANDES, Felipe; CARDOSO, Fernanda, *Relatório final de projeto Representações de Iniciação Sexual e Homossexualidade em escolas públicas de Santa Catarina*, Ministério da Saúde, Programa Nacional DST-AIDS, 2009.

DICKIE, Maria Amélia; GROSSI, Miriam; WELTER, Tani, *Relatório final de projeto Ensino Religioso e Gênero em Escolas Públicas de Santa Catarina*, PROSARE-CEBRAP, 2008.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de - Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagens do outro. Cadernos de Pesquisa, nº 107, julho/1997

IANNI, Octavio. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Editora: Civilização Brasileira. 1972.

LEAL, Ondina F.; RIETH, Flávia. “Ficar, namorar: desvendando práticas e representações adolescentes sobre sexualidade”. In: BÉRIA, Jorge. (org.). *Ficar, transar: a sexualidade em tempos de AIDS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

MONTEIRO, S. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: Heilborn, M.; Brandão, E. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NIGS. *Relatório Final Projeto Papo Sério 2009*. Disponível em: http://www.nigs.ufsc.br/pdf/relat%F3rio_papo_serio2009.pdf. Acesso em: 28 mar 2011.

PAIVA, Vera. “Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual”. In: PARKER, Richrad.; BARBOSA, Regina. M. (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/ IMS/UERJ, 1996.

PNDST/AIDS. *Boletim Epidemiológico*. (ano III nº 01 - 01ª à 26ª semanas epidemiológicas - janeiro a junho de 2006). Disponível em <http://www.aids.gov.br> . Acesso em 18/04/2007.

RIETH, Flávia. Amor e sexualidade. In: BÉRIA, Jorge. (org.). *Ficar, transar: a sexualidade em tempos de AIDS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998 .

SANTOS, Vera Lopes dos; Santos, Cledy Eliana. Adolescentes, jovens e AIDS no Brasil. In: Schor, Néia; Mota, Maria do Socorro F. Tabosa; Branco, Viviane Castelo. *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília, Brasil. Ministério da Saúde, ago. 1999.

TASSINARI, A. M. I. . Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola OU A Sociedade Contra a Escola. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu. Anais do 33º Encontro Anual/2009, 2009.

VIEIRA, Regina Lúcia de Almeida Lino, SANTA ROSA, Darci de Oliveira. *Em tempos de Aids: representações sociais de jovens orientando suas práticas sexuais*. In: III Jornada internacional das representações sociais, 2003.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br